

20 de agosto de 1.964 - 5a. feira

Nº 16

A CRÔNICA DA CIDADE

Chegamos hoje pela manhã, talvez que um pouco mais cedo do que o nosso horário costumeiro.

E, quem sabe por isso mesmo, pegamos "de surpresa" uma conversa que nos despertou a atenção.

E mais intrigados e curiosos ainda ficamos, quando observamos que a conversação vinha de nossa sala de trabalhos.

Pé ante pé, bem devagarinho, fomos chegando em nossa sala, e passamos a escutar com bastante cuisado.

E não só escutam, como também "espichamos" o nosso olhar para ver de quem se tratava.

Eram dois.

O mais velho deles, todo de preto, com ar circunspecto, com voz rouca denotando já um bocado de cansaço da vida, parecia transmitir ao mais novo, vestido de cinza e com ar quase que infantil, os sábios conselhos, frutos de uma experiência adquirida ao longo dos anos...

E a conversa ia bem animada mesmo...

O mais velho, o de preto, dizia, como quem vai ceder o seu lugar ao mais novo, que, antigamente, os tempos eram outros e todos admiravam-no e respeitavam-no.

Hoje, continuava dizendo o mais velho, hoje todos zombavam dele, e quando vinha alguém de fora então, fazia com que êle até caísse no ridículo...

O mais novo, em seu espírito próprio da juventude, parecia não dar muita atenção às palavras e aos ensinamentos do velho...

E toda hora "se virava", e se mexia, nervoso e impertinente como parecem ser todas as crianças...

E qual um serque tem a mais absoluta segurança daquilo que faz, o mais novo parecia não ligar mesmo o mínimo para ~~que~~ aquilo que o seu conselheiro lhe falava...

E as palavras eram sérias e sábias mesmo:

- Sim, dia virá em que você se verá em seu lugar, velho e superado, ridicularizado pelos demais que irão à procura de outro para lhe substituir, tal como hoje comigo sucede...

Mas, o mais novo não queria nada com a conversa do mais velho.

E talvez que o bate-papo prosseguisse manhã a dentro, não entrássemos nós "de sopetão" em nossa sala.

E com a nossa entrada os dois emudeceram. Nada mais falaram e permaneceram como sempre antes nós o víamos: quietos, silenciosos e imóveis...

E, quem sabe lá, os dois devem ter observado que nós havíamos escutado um pouco de sua conversa, pois se encolheram mais ainda e mais quietinho ficaram...

: : : : : :

Bem, mas temos a impressão que não lhes contamos de quem se tratava ainda, não é mesmo?

O mais velho, todo de preto, com ar circunspecto, era o atual telefone que nós temos e que já se prepara para se aposentar, juntamente com sua "cara metade", a Dona Manivela.

O mais novo, trajado de cinza, em côres mais alegres e mais modernas, é o nosso aparelho de telefone automático, que, por ser nôho demais ainda não possui "cara metade", leva por acompanhante apenas um amigo, o "disco", e se prepara para, em setembro vindouro, substituir definitivamente o seu amigo aposentado...